

ARQUITECTURAS DE TERRA¹: REFLEXÃO CONTEMPORÂNEA*

Eduardo Carvalho, Francisco Freire, Luís Gama
Plano B Arquitectura
Rua Newton 1, 2º Direito, 1170-275 Lisboa, PORTUGAL
Internet: www.planob.com; E-mail: info@planob.com

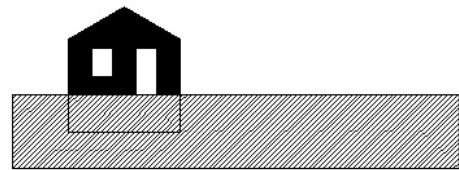
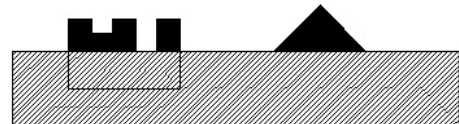
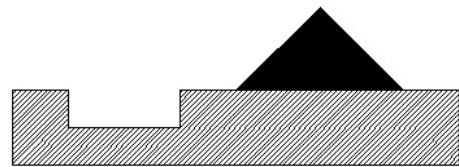
* artigo publicado em: A Ideia. Revista Libertária, II Série, Volume 5, Número 60, Abril 2004

Uma análise simples revela que ser contemporâneo, apesar de adjectivo, não define outra coisa para além da existência de algo em relação ao tempo. Não é um elogio. Em arquitectura não esclarece da qualidade, da intencionalidade ou da adequação. Apenas data.

Quando existe a integração do nosso tempo, com as suas questões, nas soluções propostas, então ao facto de ser contemporâneo acresce o sentido de modernidade - o captar daquilo que nos distingue de antecedentes históricos.

Numa sociedade que enaltece o provisório e a renovação, esta modernidade pode facilmente confundir-se com moda, um uso mais ou menos passageiro e dependente do gosto e do capricho.

Uma modernidade “autêntica”, fundada na análise e em intenções consequentes, é o objectivo que deveria guiar qualquer actividade humana. Ser contemporâneo pode não chegar.



Num mundo onde a lógica do progresso, do bem-estar e da riqueza coexistem com dinâmicas sociais e políticas bem distintas, o estudo e desenvolvimento das construções com terra não é assunto que se esgote nos países industrializados. No resto do mundo, é uma temática com outras implicações – com certeza mais prementes – das quais por vezes nos chegam apenas vagos relatos. A falta de acesso à habitação, à educação, às liberdades, aos alimentos, ao ar e à água, não é um cenário mais ou menos longínquo no nosso “mundo”: é o nosso mundo.

Esta realidade – a contemporaneidade à qual devemos reagir - exige estar atento aos impactos ecológicos, à ética, ao uso da energia e dos recursos. As construções “naturais” podem assim ter um papel activo, dado implicarem menores repercussões ambientais e serem, por definição, processos de construção simples e económica, adaptados aos recursos existentes e a uma mão-de-obra pouco especializada.

É, em resumo, num contexto de desigualdades económicas e sociais, associadas a uma maior consciência sobre as questões ambientais, que as construções com terra devem ser entendidas.

Por um lado existem situações de precaridade habitacional em grande escala, sobretudo em África, no Médio Oriente e na América Latina onde o uso da terra resulta de condicionantes económicas. Simultaneamente, é também em alguns países dessas regiões que a terra é ainda usada como parte da cultura local, com uma forte carga simbólica, social e espiritual.

Por outro lado - resultado da aceitação generalizada do discurso ecologista iniciado nos anos 70 - na Europa, América do Norte e Austrália a construção com terra tem sido revalorizada. Em países como a Alemanha, os EUA ou a Nova Zelândia, existe da parte da oferta e da procura um interesse crescente pelas construções ecológicas. Este é de resto, a par da reabilitação, um dos sectores da indústria da construção onde o crescimento é maior.

MATERIAL

O uso de qualquer material será sempre condicionado pelas suas características e limitações físicas. A sublimação dessas condicionantes, no caso das construções em terra tradicionais, foi conseguida através do aperfeiçoamento de técnicas, mas sobretudo pela adequação das formas, dos remates e dos revestimentos – e, claro pela relação quotidiana com a habitação.

Mesmo sabendo que as sociedades sofreram alterações drásticas, é nesse vocabulário tradicional que está integrado o património técnico que sabemos estar adaptado ao que é, na comparação com os materiais actuais, um mau material de construção. A terra não resiste à água; resiste pouco aos esforços laterais; resiste relativamente pouco aos esforços de compressão; tem um coeficiente térmico baixo.

E no entanto, as potencialidades da terra parecem grandes quando observamos os fantásticos edifícios em altura no Yémen ou Marrocos, os palácios da Europa, os castelos de Portugal e Espanha, as aldeias na América do Sul, no Mali ou no Médio Oriente. Nestes exemplos encontramos respostas a problemas de resistências aos esforços mecânicos, ao clima e às intempéries, aos desastres naturais e à erosão.

O material que procuramos usar hoje é o mesmo que realizou todos esses edifícios e conjuntos urbanos. Transformar a terra numa outra coisa, “melhor” e mais resistente, não deve portanto ser condição imprescindível para a sua utilização no presente; talvez o melhoramento deva ser feito nos processos, permitindo que a construção seja mais barata e mais rápida; e na concepção, para que seja apelativa e autêntica, isto é, contemporânea.

Se parece evidente que nas economias de mercado só com o investimento em investigação científica, a terra se credibilizará e será competitiva como material de uso corrente, não deixa de ser verdade que será sempre no acto criativo – neste caso em edifícios - que os materiais de construção se legitimam perante a sociedade.

CONCLUSÃO

Provavelmente a questão mantém-se: porquê agora - ou ainda - a terra?

O objectivo – e talvez a resposta - é afinal que se produza uma arquitectura adequada: ao local, ao programa, aos recursos, às pessoas. Afirmar que essa adequação só é possível através do uso de materiais naturais pode não ser verdade, mas parece evidente, à luz da nossa realidade, que a adequação da arquitectura terá que ponderar mais do que as questões técnicas e estéticas.

Nesse sentido, ainda que o uso da terra na construção não represente uma substituição dos materiais correntes, pode contribuir para o debate sobre alguns dos assuntos fundamentais da contemporaneidade: as desigualdades Norte-Sul, o desenvolvimento sustentável e a diversidade cultural.

Talvez seja esse o maior benefício da terra: o de fazer reflectir (sobre) a contemporaneidade. A par da capacidade para resolver o problema da habitação de grande parte da população não-industrializada do planeta, questiona e propõe uma alternativa ao modelo de desenvolvimento e “progresso” fundado na revolução industrial.

É certo que a arquitectura em terra - ou deveríamos apenas dizer a arquitectura - é um compromisso com a pesquisa, a história e a contemporaneidade, mas só será pertinente se se constituir num campo aberto para o debate, a invenção e a liberdade.

¹ Arquitecturas de terra: expressão que designa edifícios construídos em terra crua (não cozida) e que engloba diversas técnicas construtivas (taipa e adobe são as mais significativas em Portugal).